

# Masculinidades, hoje<sup>1</sup>

Dora Tognolli,<sup>2</sup> São Paulo

Resumo: O texto se propõe a dialogar com diversas faces da masculinidade, no contemporâneo, a partir de acontecimentos da cena cultural e política, tomando como cenário a clínica, com ênfase na importância da escuta do sexual, como matriz de percursos e gramáticas de sofrimento.

Palavras-chave: masculinidades, sexual, fanatismos, sofrimento psíquico

*Lutar com as palavras é a luta mais vã.*  
(Drummond)

*as palavras de nossos discursos cotidianos nada mais são do que magia empalidecida. Mas será necessário trilhar mais um desvio para tornar compreensível como a ciência consegue devolver à palavra pelo menos uma parte de seu antigo poder mágico.*  
(Freud, 1890/2016)

As epígrafes do texto, que mencionam Drummond e Freud – poesia, arte e ciência, introduzem um oxímoro – *claro enigma* – que ronda as palavras, matéria de nosso ofício. Traz, através da palavra poética, o trabalho da Psicanálise, que tem na palavra que surge na transferência, diante de um outro, estranho, sua via de acesso, e quando a complexidade do tema se faz presente, esse oxímoro retorna e nos desacomoda diante de nossa posição na clínica e no mundo.

Para introduzir o tema da moral, recorro a Montaigne, mais precisamente ao Ensaio “Da crueldade” (1980). Sua leitura nos convida a diferenciar um homem virtuoso de um homem bom: a virtude recusa

1 Texto adaptado de trabalho apresentado no 35º Congresso da Fepal (Intolerância, fanatismo, realidade psíquica), e no podcast Mirante (Episódio de abril de 2025), para apresentação na *Revista Alter*.

2 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Docente do Instituto Durval Marcondes.

a companhia da facilidade, inclui as paixões, os conflitos, e vive se debatendo nas escolhas dos caminhos e diante do imponderável da vida.

Alguns não fazem o mal, mas não têm energia suficiente para fazer o bem: seres sem predicados/qualidades, sem virtudes. Revela-se aqui uma espécie de fragilidade, diante das provocações da vida e das trajetórias que se apresentam, mas que não podem ser pensadas ou problematizadas – tal a fraqueza ou a rigidez psíquica.

Curioso arco que Montaigne assume no ensaio aqui referido: embora denominado crueldade, vai discorrer sobre a virtude, o trabalho interno do conflito dos humanos diante do mundo.

Quem, por doçura e inclinação natural, esquece as ofensas recebidas, comete uma bela ação, digna de louvores; mas quem profundamente ferido e irritado, luta contra um terrível desejo de vingança e pela razão consegue dominar-se, faz melhor sem dúvida. Aquele age certo; este, virtuosamente. O ato do primeiro é de bondade, o do segundo de virtude. Dir-se-ia que a virtude pressupõe dificuldade e oposição, e não pode existir sem luta. (Montaigne, p. 198, 1980)

A virtude, segundo Montaigne, irá se deparar com as paixões e depende diretamente da colaboração dos vícios.

Um caminho possível para pensar a moralidade como estrada eventual para atitudes fascistas, intolerantes, violentas, pode ter início a partir do conceito de virtude, assim tomado por Montaigne.

Parece que a virtude tem a ver com a capacidade de pensar, permanecer pensando, incluir o contraditório, o impensável. Num giro caleidoscópico do tempo, vamos encontrar o pensamento de Hannah Arendt, que localiza na incapacidade de pensar a banalidade do mal, que chega a se confundir com o bem, na medida em que pratica um pensamento disciplinar, insensível, que não se inclina ao sofrimento humano, não cria laços, pouco se importa com o mundo – apenas com o instituído por suas verdades.

Hannah Arendt localizou em Eichmann um exemplar do homem insensível, incapaz de pensar – pensar aqui no sentido de ser provocado

pelos temas do momento, de ser desacomodado das certezas e verdades diante do outro e do ambiente ao redor.

Alguns autores contemporâneos, da Antropologia e da Filosofia, insistem no que chamam de Antropoceno – uma era que reflete o uso do planeta e dos recursos disponíveis sem controle, sem cuidados, ancorado no neoliberalismo que tudo transforma em mercadoria. Cito aqui: Bruno Latour, Eduardo Viveiros de Castro, Donna Haraway, Ailton Krenak, Davi Kopenawa – entre tantos. Ter contato com esse pensamento nos angustia, na medida em que expõe o divórcio entre ciência e vida cotidiana, entre ciência e política. Parece até um *replay* do Iluminismo: o dogmatismo da Igreja Católica recusando as conquistas da jovem ciência, como denuncia e ironiza Voltaire.

Bruno Latour, em seu livro *Jamais fomos modernos*, nos coloca numa roda de perguntas e espantos, enunciada já no título: onde o projeto da modernidade se equivocou? Que tipo de interlocução imaginamos entre natureza e cultura, entre ciência e política? Quando vamos nos dar conta dessa tensão? E entre cultura, natureza e natureza humana? E como criar formas de habitar o mundo contemporâneo? Como com-viver juntos?

Nos textos de Freud, que tratam dessa difícil relação dos homens com a cultura/civilização, alguns interrogantes ainda são vigentes. E resta um desafio: como dialogar com o conflito que nos coloca o tempo todo diante do outro, dos grupos, das mudanças? Embora o conflito seja assumido como o estatuto universal do humano, esse texto procura ilustrar como certos sujeitos se colocam diante do mundo. E como seu sofrimento parece merecer um pensar diverso, que os interroge, que os desacomode e propicie que o afeto e os laços compareçam e possam ser compartilhados nos grupos de escolha ou configurar novos grupos.

No caso do Brasil, onde também sopram os ventos das polaridades, das verdades incontestáveis, tudo isso turbinado pela política que esteve por aqui durante alguns anos (e ainda está...) e deixou raízes e restos, que trouxe à tona tendências que beiram a violência, a intolerância, o desafio é reconhecer e enfrentar o clima difícil de dialogar e conviver em grupo. Minha hipótese é que a clínica também pode ser

um lugar onde esse clima se apresenta em cena, e demanda um manejo cuidadoso, que aposta na possibilidade de pensar, de divergir, de transformar... quiçá... e na magia das palavras, como diz Freud.

A psicanálise pode funcionar como um dispositivo crítico, que inclui a clínica, o sofrimento, a angústia, a cultura e os acontecimentos. Um dos desafios é fazer operar esse dispositivo crítico diante do mundo, que nos chega como infamiliar e provoca questões.

Trago aqui pequena vinhetas clínicas, fruto de atendimentos de homens que buscam análise apresentando-se como desamparados, cindidos, frágeis, com funcionamento precário que resvala para intolerância e fanatismos. Tais vinhetas são tratadas como colagens condensadas de histórias que nos revelam faces da masculinidade que cabe a nós deslindar.

### Um homem sem qualidades

Uma das situações aqui recortada evidencia um desafio epistêmico: ilustra e condensa um certo perfil masculino, que parece sofrer de uma melancolização de gênero – um excesso de gênero que foi forjado por identificações, criou couraça, e foi perdido. Perdido por fracassos pessoais, profissionais e coletivos/nacionais – a utopia de um país que daria espaço para certa classe de idealizações, ancorado num projeto neoliberal de meritocracia, privilégios, *winner*s.

A busca de análise é disparada a partir da constatação de sofrimentos insuportáveis diante de fracassos: desamparo, falta de rumo; um dos pacientes, com mais de 60 anos, volta a morar na casa da mãe, sem eira nem beira.

Num plano paralelo, abrem-se conversas sobre *red pill*, grupos e podcasts masculinos que pregam certo empoderamento dos homens, ao reconhecer a perda de um lugar de poder e um perigoso domínio feminino que se avizinha e os oprime. Grupos digitais que pregam militância, com viés religioso e conservador. Como cada momento apresenta um salvador/líder, surge na sala de análise a figura de um homem que ganha território na redes sociais e se transforma em candidato a prefeito

da cidade de São Paulo. Para mim, analista, tratava-se a princípio de um desconhecido, do qual fui me aproximando para entender o idioma de certos pacientes. Uma espécie de letramento ocorreu – necessário e desagradável – preciso admitir, que destoa da neutralidade preconizada por analistas mais ingênuos, que acreditam na transcendência do ofício.

Ao conhecer esse político que surge das redes sociais, um homem cheio de supostos predicados, que tem coragem de se identificar publicamente com os discursos radicais da extrema direita, pude ser apresentada à trama de identificações que sustentam alguns outros homens, sem qualidades/predicados, alienados de si, presas fáceis de lideranças que prometem a redenção do homem forte, potente, senhor de si, de sua casa e de seu lar.

Dado esse contexto, dirijo-me agora a uma via de trabalho possível, crítico, analítico e transferencial, que se abriu: certo paciente começa a se perguntar afinal quem é? Como explicar seu fracasso atual? Exemplifico com uma pergunta que ele traz, estimulada por uma conversa com uma mulher, amiga de infância: *sou ingênuo? Minha amiga está correta ao me definir assim?*

Tomo essa pergunta, sobre predicados, virtudes, qualidades, como fio condutor do encontro analítico: a capacidade de pensar sobre si, a curiosidade sobre seu mundo interior, talvez (e sublinho “talvez”, uma vez que não há garantias...) possa deslocá-lo da trilha de identificações lá fora. Ingênuo também contém vários oxímoros e associações antitéticas. Pode querer dizer bobo, fraco, despreparado, o que deve ser assustador para um homem extremamente invadido pelo lado do machismo estrutural que o gênero masculino pode carregar; ou curioso, preparado para se espantar diante do novo, da vida.

Esse é um mero exemplo do jogo das palavras que a transferência pode acionar, no encontro dos diversos, um homem e uma mulher, na sala, que podem discordar de certas posições políticas, que se encontram em lados diversos na cena das polaridades que se apresentam, mas arriscar um diálogo ao redescobrir a magia das palavras e restaurar certo con-viver possível.

## Sexual

O tema da masculinidade nos remete ao *Sexual* – em itálico e maiúscula, nosso objeto prínceps, fundamento da teoria e da clínica. Está em tudo, mas parece pouco tangível. E nele reside um dos fundamentos da Psicanálise: o Sexual infantil, perverso, polimorfo, diverso, plural, arrebatador, assustador.

Hoje somos convocados a entender e problematizar certos neologismos: *Incel, queer, masculinidade tóxica, misoginia* etc., O convite é um retorno às perguntas fundamentais: por exemplo, o que é *sexo*? O que vem a ser o *Sexual*, dito infantil? E em Freud, com a ajuda elegante de alguns pós-freudianos, dentre os quais destacarei Laplanche.

Laplanche aponta três dimensões: gênero, sexo, Sexual: gênero como plural; sexo como binário, dual; e Sexual – múltiplo, perverso – polimorfo: objeto do qual nos ocupamos nas análises e percurso pelo caminho das fantasias e angústias. Acredito que essa matriz nos ajude a entender os processos de subjetivação, gestão de sofrimento, dor e encrencas que nós, pessoas masculinas, femininas, diversas, atravessamos.

Laplanche chega a afirmar que talvez o *gênero* chegue antes do sexo, a partir da designação do Outro, dos grupos, da cultura, daqueles que recebem toda criança que chega ao mundo. Menino ou menina? Que nome terá? O que se espera dessa nova pessoa que vem ao mundo?

E sem dúvida essas são as designações mais simples e óbvias: algo mais se passa, algo de enigmático, que transborda no toque, nas palavras, no humor, como cada pessoa se dirige ao bebê: as tais das mensagens enigmáticas, que o adulto porta, que remontam a seu Infantil-sexual, e que veicula sem se dar conta na relação que estabelece com os que chegam. O saber do nosso não saber sexual, um enigma perturbador para nós humanos. Tão perturbador que vive sendo alvo de eliminações, cancelamentos – as tais negações em todas suas modalidades teorizadas pro Freud, começando pelo recalque.

No caso dos ditos *Incels (involuntary celibates)*, percebemos que esse parece um jogo difícil de jogar: a eliminação do sexual do jogo humano seria a eliminação do Outro.

Desde os Estudos sobre Histeria, Freud se dá conta da etiologia sexual, que vai deslindando ao longo de toda sua obra. Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/2016), fala da *disposição bissexual* dos humanos, considerando que a escolha de objeto é o mais contingente e plástico dos aspectos da pulsão. Diz textualmente: *o interesse sexual do homem pela mulher* (e acrescento: da mulher pelo homem, da mulher pela mulher, do homem pelo homem etc.), é um problema que requer explicação, não é *algo evidente em si, baseado numa atração fundamentalmente química*. (Freud, 1905/2016, p. 35).

A ideia da disposição bissexual nos ajuda, mas deixa muitas e muitas questões em aberto: estamos diante de uma teoria complexa. Freud trata essa oposição falando dos seguintes pares: ativo/passivo; fálico/castrado; masculino/feminino, presente em todos. Esse par de opostos, essa binariedade, guarda a marca do recalque. O recalque deixa marcas, e retorna.

Disposições à nossa disposição, que irão resultar na gama de como nos tornarmos o que somos ou queremos ser ou nos designar (masculinos, femininos, trans, queer etc.). A questão mais importante não passa pelo identitarismo: o que somos; mas *como somos e como nos tornamos*.

A miríade de orientações sexuais e de gênero que hoje se apresenta nos assombra, mas merece uma aproximação e escuta para a qual procuramos nos preparar, reconhecendo nosso não saber do sexual e de seus enigmas.

A clínica traz exemplos e desafios: uma espécie de sismógrafo dos tempos de hoje, que pede escuta e muita humildade. Por exemplo, misoginia, homofobia, tocam no Outro que projetamos para fora de nós. Que podem se tornar inimigos. Mas o dentro-fora para a Psicanálise não fala de exterioridades. O Outro, o *Inconsciente*, também está dentro. Lacan cria o conceito de *extimidade* – aquilo que é colocado fora, mas guarda algo do íntimo que não suportamos em nós, fonte de angústia e sofrimento.

O desafio que se impõe é a escuta de sujeitos desamparados, cindidos, frágeis, com funcionamento precário. Quem escuta? O que

escuta? Quem cuida? Na clínica atual, assistimos a trilhas de masculinidade tóxica, hordas masculinas que eliminam as mulheres de suas redes.

Certa feita, atendi a um homem jovem, bastante preocupado com seu sintoma de impotência recente, que podia colocar em risco seu casamento. Sua história de vida continha aspectos traumáticos: separação violenta e litigiosa dos pais na infância precoce, motivada por traição da mãe, exposta na comunidade à qual a família pertencia. As figuras paternas surgiam com muita dor: uma mãe devassa, que trai o marido e abandona os filhos pequenos por conta de um caso de amor; um pai violento, incompetente, que não soube amar a mulher escolhida, humilhado pela traição e encarregado da prole. O jovem paciente falava do pai com muito ódio; e da mãe, com muito rancor. Subiu na vida, ficou rico, casou com uma mulher que amava. E agora vivia assombrado com o fantasma da impotência.

Numa sessão, chega raivoso, com problemas na esfera sexual e com o chefe na empresa. Senta-se munido com um guarda-chuva que aponta em minha direção como se fosse uma arma em riste, pronta a me perfurar e aniquilar. Certa violência tomou conta da sala, e eu fiquei assistindo a um duelo ao vento, do qual eu me percebia como alvo.

Essa cena me conduziu ao Falus – diferente do pênis; apenas um significante, marcador da falta, operador simbólico, que toca na incompletude. Freud fala da fase fálica, da mãe fálica, ilusoriamente percebida como completa. E na sequência, sou conduzida ao mito grego de Príapo (alegoria do sexual, que contém a vagina). Um ser que vive em estado de castigo: sua condenação consiste em uma ereção sem fim: eternamente ereto, sem repouso. O que causa padecimento e angústia. Uma figura bizarra, onde a causa da ereção não é a presença de um objeto: aponta a incapacidade de ter prazer com o outro, entregar-se, experimentar a falta e a presença de um outro, ainda que fugidio. Esse paciente, entre outros aspectos, vivia sua sexualidade traumática dessa forma.

Quanto à masculinidade tóxica ou frágil, uma das hipóteses é um excesso de identidade, que coloca o que é diverso como inimigo. Afetos como vergonha, fragilidade, impotência, fracasso, humilhação, tristeza,

ameaçariam a masculinidade. Em face da masculinidade radical e totalizante, são mobilizadas defesas maníacas, de cunho sádico, que anseiam pela eliminação dos objetos que ameaçam dita masculinidade. Revelam, a contrapelo, desamparo, falta, impotência.

### Considerações finais

Para concluir, volto a Freud, em seu trabalho sobre luto e melancolia, uma vez que localizo em certos pacientes um processo de melancolização, que dificulta que o retorno do investimento em novos objetos, após tantos fracassos narcísicos, na família e no mundo neoliberal: sem trabalho valorizado, sem dinheiro, sem mulher, sem casa. E como o trabalho de análise deve se encaminhar para um certo luto, para que da posição de queda narcísica, ele possa encontrar outra trilha no mundo.

Reconheço que a arquitetura psíquica de certos pacientes também me instiga a visitar áreas de preconceito, a dialogar com minha suposta neutralidade, a aprender com essa experiência de um homem diverso, em busca de qualidades/predicados. Alguns homens, *heavy-users* de mídias e podcasts de extrema-direita, que nada me agradam, deixam uma questão: como posso ouvi-los, me abster de minhas ideias lógicas e corretas? Lidar com aspectos morais e dogmáticos que reconheço em mim? Muitas questões estão em curso.

O pensamento de Donna Haraway vem em meu auxílio: fala da ilusão que nutrimos de que a reunião dos diversos tocara o todo, a completude. Ao contrário, abre a ideia de diversos fragmentos e restos. Acionamos fios, trilhas, tramas – como propõe o jogo da cama de gato, metáfora que a autora elege. Estamos diante de perspectivas, rizomas, postos na sala de análise; e neste caso específico, minha esperança é que certas masculinidades atravessem a estrada da melancolização e possam encontrar sua forma, menos assujeitadas ao outro lá fora. E, voltando a Montaigne, que encontrem, mais do que um homem bom, a coragem de assumir sua forma, suas contradições, paixões e vícios – um homem virtuoso.

## Masculinidades, hoy

Resumen: El texto se propone dialogar con diversas facetas de la masculinidad en la contemporaneidad, a partir de acontecimientos de la escena cultural y política, tomando como escenario la clínica, con énfasis en la importancia de la escucha de lo sexual, como matriz de recorridos y gramáticas de sufrimiento.

Palabras clave: masculinidades, sexual, fanatismos, sufrimiento psíquico

## Masculinities Today

Abstract: The text aims to engage in a dialogue with various aspects of masculinity in contemporary society, drawing on events from the cultural and political scene, using the clinical setting as a backdrop, with an emphasis on the importance of listening to the sexual as a matrix of pathways and grammars of suffering.

Keywords: masculinities, sexual, fanaticisms, psychological suffering

## Referências

- Arendt, H. (1999). *Eichmann em Jerusalém* (Trabalho original publicado em 1963). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 6). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 15). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2016). Sobre a psicoterapia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 1). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1890)
- Haraway, D. (2023). *Ficar com o problema: Fazer parentes no Chthuluceno* (A. L. Braga, Trad.). n-1 Edições.
- Laplanche, J. (2015). *Sexual: A sexualidade ampliada no sentido freudiano* (Obra original publicada em 2000/2006). Dublinense.
- Latour, B. (2019). *Jamais fomos modernos: Ensaio de antropologia simétrica* (C. I. Costa, Trad.). Editora 34.
- Montaigne, M. (1980). *Ensaaios* (S. Milliet, Trad.). Abril Cultural.
- Musil, R. (2006). *O homem sem qualidades* (L. Luft & C. Abbenseth, Trans.). Nova Fronteira.
- Voltaire. (2020). *Dicionário filosófico* (I. C. Benedetti, Trad.). Martins Fontes.

Dora Tognolli

dora.tognolli@gmail.com